



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH *CAMPUS V* –
SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BAHIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA**

UELITON FERREIRA DOS SANTOS

**NARRATIVAS, MEMÓRIAS E (RE)EXISTÊNCIAS: uma análise das
geograficidades de Torto Arado**

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS/BA
2024**

UELITON FERREIRA DOS SANTOS

**NARRATIVAS, MEMÓRIAS E (RE)EXISTÊNCIAS: uma análise das
geograficidades de Torto Arado**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Geografia, Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, *Campus V* - Santo Antônio de Jesus/BA, como requisito parcial de avaliação para obtenção de grau de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Hanilton Ribeiro de Souza

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS/BA
2024**

TERMO DE APROVAÇÃO


UELITON FERREIRA DOS SANTOS

NARRATIVAS, MEMÓRIAS E (RE)EXISTÊNCIAS: uma análise das geofricidades de Torto Arado


Monografia (artigo) apresentada ao curso de graduação em Licenciatura em Geografia do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, *Campus V*, Santo Antônio de Jesus, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Santo Antônio de Jesus/BA, 18 de dezembro de 2024.


Banca:

 Documento assinado digitalmente
HANILTON RIBEIRO DE SOUZA
Data: 18/12/2024 19:33:42-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Hanilton Ribeiro de Souza– Orientador
Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus V*

 Documento assinado digitalmente
JOSEMARE PEREIRA DOS SANTOS PINHEIRO
Data: 19/12/2024 16:26:04-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Josemare Pereira dos Santos Pinheiro
Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus V*

 Documento assinado digitalmente
LUCIANA CRISTINA TEIXEIRA DE SOUZA
Data: 03/01/2025 20:12:53-0300
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Luciana Cristina Teixeira de Souza
Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus V*

PREÂMBULO

A presente pesquisa emerge da inquietação e do desejo de transformação do cenário educacional, especialmente no que concerne ao ensino de Geografia na educação básica. Esta iniciativa é fruto do comprometimento e engajamento de Ueliton Ferreira dos Santos, aluno do curso de Geografia da UNEB - Campus V (SAJ/BA), sob a orientação do Professor Hanilton Souza, do Colegiado de Geografia.

A escolha do tema "Narrativas, memórias e (re)existências: uma análise das geograficidades de Torto Arado", foi motivada pela vontade (e não só necessidade) de explorar novas abordagens no processo de ensino e aprendizagem, visando a promoção de uma educação mais contextualizada, crítica e reflexiva. A obra Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior, despontou como uma fonte rica de geograficidades e narrativas que podem enriquecer o ensino de Geografia, proporcionando aos/as estudantes outras leituras de si, do outro e do mundo.

Este estudo reconhece a importância do diálogo entre a academia e a prática educacional, pois, só assim, em um futuro próximo, poderemos vislumbrar avanços significativos no sistema educacional brasileiro.

Destaco aqui meus agradecimentos a Mainha (Lúcia), meu Painho (Valdir) e minha irmã (Edna), por todo apoio e por ter feito o possível e impossível para que tudo isso fosse concretizado. Embaixo de dias ensolarados me proporcionaram sombra. Esse trabalho também foi construído em memória a minha vizinha (Antônia), que me perguntou ao longo desses pouco mais de quatro anos, quando o neto dela estaria com a "carta" na mão (diploma). Infelizmente, faltando pouquinho para isso acontecer, ela partiu, mas deixou em mim seus ensinamentos e o desejo de mudança plantados.

Portanto, este preâmbulo marca o início de uma jornada de reflexão e investigação, na qual espero contribuir para a construção de uma educação mais inclusiva, reflexiva e contextualizada para todos/as os/as estudantes, pois meu objetivo maior sempre foi ver outros/as semelhantes – pretos/as, frutos de escola pública e moradores/as rurais –, ocupando espaços que nos pertencem por direito, mas que poucos tem acesso, devido à perpetuação de um projeto muito bem arquitetado para que isso não ocorra.

NARRATIVAS, MEMÓRIAS E (RE)EXISTÊNCIAS: uma análise das geografcidades de Torto Arado

Ueliton Ferreira dos Santos

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar as geografcidades presentes na obra "Torto Arado", de Itamar Vieira Júnior, visando ressignificar o ensino da Geografia na educação básica. A escolha dessa obra se deve a sua riqueza em geografcidades e narrativas que podem proporcionar aos/às alunos/as uma visão mais ampla e crítica do mundo. A metodologia adotada consiste em uma abordagem qualitativa, utilizando-se de revisão bibliográfica e análise documental. Os resultados obtidos destacam a relevância das geografcidades na promoção de uma educação contextualizada e reflexiva. Os conceitos de território, lugar e paisagem são ressaltados e colocados como possibilidade de abordagem na educação básica, tendo o romance como material didático. As considerações finais ressaltam a importância do diálogo entre a academia e a prática educacional, bem como a necessidade de uma educação mais inclusiva e reflexiva.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Geografcidades; Torto Arado; Educação.

Introdução

*“Se o ar não se movimenta, não tem vento,
Se a gente não se movimenta, não tem vida” (Vieira Júnior, 2019, p.99).*

O cenário educacional contemporâneo fomenta a busca por práticas metodológicas visando uma educação mais contextualizada, reflexiva e dialógica com as diversas realidades dos/as estudantes (Festas, 2015). O ensino de Geografia na educação básica está na incumbência de trazer novas linguagens e práticas cuja as estratégias possibilitem uma compreensão mais profunda e significativa do espaço geográfico.

Nesse contexto emerge a presente pesquisa, tendo por objetivo investigar o potencial pedagógico da obra literária *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior (2019), para o ensino e aprendizagem dos conceitos geográficos na educação básica. A obra *Torto Arado* apresenta uma narrativa rica em geograficidades, que não apenas retratam os aspectos físicos do sertão nordestino, mas também traz em suas narrativas como foram e/ou são constituídas as relações sociais, culturais e até mesmo econômicas da região.

O romance, debruça-se na narrativa das vivências de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, cujas as suas histórias de vidas são profundamente impactadas por um incidente trágico na fazenda a qual são abrigadas. Ao longo da narrativa, o autor aborda uma variedade de temas que permeiam a história do que chamamos de “Brasil”, como; as dinâmicas de poder, os conflitos pela posse da terra, a violência contra afro e afro-brasileiros/as.

A escolha de *Torto Arado* como sendo o objeto de estudo para esta pesquisa, ocorreu após a apresentação da obra em um componente curricular do Curso em Licenciatura em Geografia - Leitura e Interpretação de Texto, tendo como consequente a imersão à sua riqueza em elementos geográficos presentes em suas narrativas (geograficidades). Oportunizando dessa forma, examinar os conceitos

geográficos por meio de um viés contextualizado, promovendo novas perspectivas sobre si, os outros e sobre o mundo.

Surge, dessa maneira, a problemática central que guia este estudo: como as geograficidades contidas na obra *Torto Arado* podem contribuir para o ensino e aprendizagem dos conceitos geográficos na educação básica, facilitando outras perspectivas de compreensão de si, do outro e do mundo?

Para alcançar esse propósito, serão delineados os seguintes objetivos: (i) Analisar como o livro *Torto Arado* pode ser utilizado como instrumento pedagógico para o ensino e aprendizagem da Geografia no ensino básico; (ii) Destacar os conceitos geográficos presentes na obra *Torto Arado*, evidenciando a Geografia intrínseca ao cotidiano e às narrativas do livro; (iii) Descrever como as abordagens geográficas presentes na obra podem fomentar outras formas de compreensão de si, do outro e do mundo, promovendo uma educação mais crítica e reflexiva.

Concomitantemente, a justificativa para esta pesquisa reside na necessidade de repensar as práticas educacionais vigentes, buscando estratégias que valorizem a contextualização, a interdisciplinaridade e a identidade dos/as estudantes. Portanto, a relevância deste estudo está na possibilidade de contribuir para a fomentação e construção de um modelo e meios educacionais mais contextualizado, condizentes com a necessidade dos/as educandos/as na contemporaneidade.

Quanto à metodologia, este estudo adotará uma abordagem qualitativa, com foco na pesquisa documental, permitindo uma análise aprofundada das geograficidades¹ presentes na obra *Torto Arado* e sua relação com os conceitos geográficos.

No que diz respeito à delimitação espacial/geográfica dessa pesquisa, o foco será na aplicação e implementação dos resultados aqui obtidos no chão das escolas, sem uma delimitação específica, uma vez que os conceitos a serem destacados são passíveis de aplicação nas múltiplas realidades.

¹ Segundo Gonçalves (2016, p.89), “a compreensão de geograficidade está na relação entre as pessoas e os lugares, lugares compreendidos como o encontro com os sujeitos, espaço experienciado, vivido”.

1. FIO DE CORTE - Contextualização da obra Torto Arado

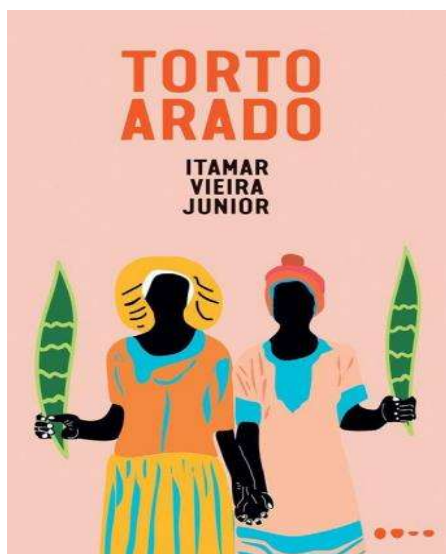
Em 2018, Itamar Vieira Junior submeteu Torto Arado ao Prêmio Leya, de Portugal. Após sua vitória – o livro foi lançado inicialmente lá e, em 2019, no Brasil pela Editora Todavia (Figura 1). Torto Arado ganhou destaque não apenas no Brasil, mas também internacionalmente, com edições lançadas no México, Colômbia, Holanda, Bulgária, entre outros países. No ano de 2020, recebeu os prestigiados prêmios Jabuti de Melhor Romance e o Prêmio Oceanos (DW Brasil, 2021).

A capa do livro foi ilustrada pela artista visual Linoca Souza, tomando como inspiração a fotografia (Figura 2), de Giovanni Marrozzini, para a série Nouvelle Semence (2010), realizada em Camarões. Em uma entrevista à revista Veja, Linoca Souza mencionou que substituiu os facões nas mãos das mulheres por folhas de espada de Santa Bárbara, ressaltando: "Essa planta possui uma grande força e é capaz de sobreviver em diversos tipos de solo, mesmo com poucos cuidados" (Assis, 2021).

A narrativa literária se desenrola na fazenda fictícia Água Negra, situada na Chapada Diamantina, Bahia. Segundo Santos (2021), o período não é muito bem especificado pelo autor, porém algumas pistas são postas ao longo do livro. Por exemplo, em um dos trechos do livro, é mencionado que "Zeca Chapéu Grande", o pai das personagens principais (Bibiana e Belonísia), nasceu aproximadamente trinta anos após a abolição da escravidão, o que o situaria em torno de 1920, considerando que a abolição ocorreu em 1888.

Ou, pode-se fazer uma análise da temporalidade quando as protagonistas, ainda quando crianças no início da obra, são levadas ao hospital (após umas das amputarem a língua e outra ficar ferida) tendo como meio de locomoção um Ford Rural, que foi fabricado nas décadas de 1960 e 1970. Além disso, de acordo com Santos (2023), no desfecho da história, é mencionado os direitos quilombolas, indicando que os eventos ocorreram após o lançamento da Constituição de 1988.

Figura 1 – Capa do livro torto Arado



Fonte: Editora Todavia, 2019.

Figura 2 – Fotografia de inspiração para a capa do livro “Torto Arado”



Fonte: Marrozzini, 2010.

Vieira Júnior (2019), retrata vida dos/as trabalhadores rurais, descendentes de pessoas escravizadas, que residem na fazenda há várias gerações, submetidos/as a um regime de servidão análogo à escravidão e labor incessante. Sujeitos/as a condições precárias, são autorizados/as unicamente a construir moradias de barro; cujo objetivo era não demarcar o local com as casas com alicerce, mais resistentes à ação do tempo, precárias, e cultivar pequenas roças para sua subsistência.

Tudo isso, sem liberdade ou qualquer tipo de remuneração, visto que toda sua produção estava submetida ao domínio do proprietário da fazenda. Embora ausentes nos afazeres diários; fica explícito na obra, que a maioria do/as trabalhadores não os conheciam, os donos da fazenda que detinham poder absoluto sobre os/as “empregados/as” e suas famílias, que constituíam uma comunidade, cujas histórias ganham diversos viés e são reveladas ao longo da narrativa. Como é abordado pelo (op. cit.):

a família Peixoto queria apenas os frutos de Água Negra, não viviam a terra, vinham da capital apenas para se apresentar como donos, para que não os

esquecêssemos, mas, tão logo cumpriam sua missão, regressavam. Mas havia os fazendeiros e sitianteiros que cresceram em número e que exerciam com fascínio e orgulho seus papéis de dominadores, descendentes longínquos dos colonizadores; ou um subalterno que havia conquistado a sorte no garimpo e passava a exercer o poder sobre outros, que, sem alternativa, se submetiam ao seu domínio (p. 54).

No romance *Itamar* (2019) estruturou as narrativas em três partes: "Fio de Corte", "Torto Arado" e "Rio de Sangue", cada uma narrada em primeira pessoa por diferentes personagens, apresentando uma visão única sobre os eventos. A narrativa não segue uma linha temporal linear, alternando-se entre o presente e memórias do passado, onde,

[...]Torto Arado nos imerge nas narrativas das personagens em suas particularidades cotidianas, ao mesmo passo que estas, por mais individuais que nos possam soar aos primeiros contatos, revelam-se existência comum, coletiva na vida dos moradores de Água Negra (Bastos, 2021, p.748).

A primeira parte - Fio de Corte, narrada do ponto de vista de Bibiana, aborda as dinâmicas familiares e da terra, centrando-se na família de Zeca Chapéu Grande e sua esposa Salustiana, pais de Bibiana e Belonísia. Desde o início, o acidente que une as irmãs e marca suas vidas é apresentado, enquanto são explorados aspectos da vida cotidiana na fazenda e o papel de Zeca Chapéu Grande como curador de jarê, uma prática religiosa de origem africana específica da Chapada Diamantina, que lhe confere respeito e influência na comunidade.

Dessa maneira, no romance *Torto Arado*, Itamar (2019) introduz-nos ao universo das duas irmãs, cuja trajetória é marcada por um evento traumático na infância: a amputação da língua, consequência de uma inquietude banhada de curiosidade. Esse incidente desencadeia uma série de desafios que as duas irmãs enfrentam ao longo de suas vidas. Belonísia, marcada pela mudez, empenha-se para auxiliar nas tarefas da fazenda, abandonando a escola por não se sentir pertencente ao que ali era ensinado, tampouco via conexões com a realidade por ela vivenciada naquele espaço, sendo algo desprovido de sentido. Em contrapartida, Bibiana assume

responsabilidades adicionais para cuidar da irmã e da família, vendo na educação um meio/ferramenta a ser utilizada para contrapor as injustiças ali vivenciadas.

À medida que crescem, as irmãs encontram-se envolvidas em questões que transcendem os limites da fazenda, relacionadas à luta pela terra e à resistência das comunidades negras e indígenas do Nordeste brasileiro. A ameaça dos grileiros, que tentam usurpar as terras ancestrais da família, leva Bibiana e Belonísia a unir forças com outras famílias locais para proteger seu patrimônio e suas tradições.

O romance também aborda questões de gênero e violência contra as mulheres, destacando os desafios enfrentados por Bibiana ao lutar por sua independência e liderança na comunidade. Ela se torna uma figura central na resistência contra os invasores, enfrentando adversidades e preconceitos em seu caminho (Vieira Júnior, 2019).

A narrativa de Itamar é permeada por elementos do realismo mágico e uma prosa poética, enriquecida por simbolismos. O título "Torto Arado" não apenas alude à ferramenta de trabalho agrícola, mas também simboliza as vicissitudes enfrentadas pelas protagonistas em suas jornadas. Analogamente, como também discute Hall (2021) é feita uma abordagem a respeito das lutas e triunfos daqueles/as que, apesar das dificuldades vivenciadas no cotidiano, preservam a identidade cultural perpassada ao longo da história, mesmo com investidas que são feitas cotidianamente visando apagamento/dizimação identitária do Povo negro/a, fundamentadas pelo eurocentrismo, racismo que fazem parte da construção histórica do nosso país, visando sempre colocar o povo preto como subalterno e animalesco.

Miranda, 2020 *apud* Nascimento 2023, corrobora com essa analogia quando expõe que “[...]Essas novas identidades que foram construídas a partir do mito colonial são colocadas como “raça inferior” e, por isso, a justificativa para serem exploradas(os), desapropriadas(os) de seus territórios” (p.13 e 14).

Essa situação reflete a persistência das desigualdades sociais e econômicas que marcam a realidade do campo brasileiro, em que, ainda hoje, as famílias enfrentam dificuldades para garantir sua subsistência e são frequentemente exploradas pelos proprietários de terras.

Itamar (2019), também aborda a importância da religiosidade afro-brasileira, representada pelo culto ao jarê, e como essas práticas estão entrelaçadas com a vida cotidiana e as relações sociais dos/as personagens.

O jarê, segundo Alves e Rabelo (2009), é uma expressão cultural que engloba rituais, crenças e técnicas de cura dentro da tradição religiosa afro-brasileira do candomblé de caboclo. A presença marcante da oralidade e das histórias de vida transmitidas de geração em geração, também evidencia a riqueza cultural dessas comunidades e sua capacidade de resistência frente às adversidades.

Sobre o autor, podemos destacar que Itamar Rangel Vieira Junior, escritor da obra, é doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia (2013). Possui graduação (Licenciatura e Bacharelado - 2005) e mestrado em Geografia (2007). É Analista em Reforma e Desenvolvimento Agrário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), atuando entre os anos de 2006 e 2009 no estado do Maranhão e, atualmente, no estado da Bahia, onde desenvolve atividades no Serviço de Regularização de Territórios Quilombolas (CNPq, 2024).

1.1 ENTRE FLORES E BARRO - Identificação das geograficidades presentes na narrativa

Segundo Gonçalves (2016, p.89), “a compreensão de geograficidade está na relação entre as pessoas e os lugares, lugares compreendidos como o encontro com os sujeitos, espaço experienciado, vivido”. Na obra *Torto Arado*, as geograficidades estão presentes de diversas formas, refletindo não apenas a paisagem física do sertão nordestino, mas também as relações sociais, culturais e econômicas que moldam o espaço vivido pelos/as personagens.

O cenário da Chapada Diamantina, na Bahia, é retratado com riqueza de detalhes, revelando características únicas desse ambiente geográfico. A descrição da Fazenda Água Negra, e de seus arredores, oferece ao/a leitor/a uma projeção vívida da vida no campo, com suas vastas extensões de terra, vegetação típica da caatinga

e os desafios enfrentados pelos/as trabalhadores/as rurais para sobreviver em um ambiente marcado pela aridez e escassez de recursos.

As geograficidades também são expressadas através das atividades cotidianas dos/as personagens de “Torto Arado”, Itamar (2019) aborda isso ao narrar situações corriqueiras ali vivenciadas como o manejo do gado, o cultivo da terra e a busca por água. A relação estreita entre os/as personagens e o ambiente do seu cotidiano reflete a interdependência entre as pessoas e o espaço geográfico.

Outro aspecto importante de ser destacado sobre as geograficidades nas narrativas da obra em estudo são as questões relacionadas à posse da terra e aos conflitos fundiários que são centrais para o enredo. A luta dos/as trabalhadores/as rurais pela preservação de suas terras e pela garantia de seus direitos territoriais, evidencia as disputas que marcam o sertão nordestino e sua importância para a reprodução social e econômica das comunidades locais.

Portanto, a literatura pode revelar múltiplas geografias presentes nas narrativas, permitindo explorações que vão além das características físicas dos lugares. É possível mergulhar nas experiências humanas, nos conflitos sociais e nas identidades culturais que moldam os espaços representados (Marandola Junior; Oliveira, 2009). Por meio da literatura, os/as estudantes podem desenvolver uma compreensão mais profunda e sensível dos espaços geográficos, enriquecendo sua visão de mundo e sua capacidade de análise crítica (Marandola Junior, 2010).

1.2 TEMPO E TERRA - As aproximações e resistências entre Geografia e Literatura

“Um grão de milho deslizou da mão de Belonísia para o solo arado. Com os próprios pés recobriu a semente, afofando com a necessária delicadeza para que o movimento do mundo se encarregasse do resto” (Vieira Júnior, 2019, p. 254).

A adoção de diferentes metodologias para o ensino e aprendizagem da Geografia na educação básica é primordial, à vista disso, a dinamização do fazer

pedagógico pode contribuir para uma melhor compreensão dos conceitos dessa ciência. Dessa maneira, como aborda Rodrigues (2019), a integração entre Geografia e Literatura se destaca como uma ferramenta valiosa, utilizando obras literárias para explorar contextos espaço-temporais específicos, enriquecidos por características sociais, culturais, políticas, econômicas e naturais como posto no exemplo na epígrafe acima.

Essas obras, especialmente da literatura regional brasileira, oferecem uma abordagem lúdica e diferenciada dos conteúdos geográficos, estimulando a imaginação dos/as alunos/as e fomentando a interdisciplinaridade com disciplinas como: História, Artes e Língua Portuguesa, Sociologia, Filosofia, dentre outras. Essa integração não só sensibiliza para promover o hábito de leitura, mas também facilita o fazer pedagógico, ampliando as relações entre diferentes áreas do conhecimento. Conforme aborda Rodrigues (2019), ao longo da história do pensamento geográfico, a Literatura tem sido reconhecida como uma fonte rica para compreender e analisar categorias geográficas, como paisagem e lugar.

Dessa maneira, pode-se entender que essa abordagem colaborativa entre Geografia e Literatura contribui para uma educação mais dinâmica e contextualizada, que valoriza a diversidade de experiências e perspectivas dos/as estudantes. Esse processo, mediado pelo conhecimento geográfico do/da professor/a, estimula a reflexão e a construção do conhecimento.

Essa abordagem encontra respaldo na Geografia Cultural, especialmente na vertente humanista, que oferece uma base para compreender a relação entre o ser humano e o ambiente. Essa compreensão permite investigar fenômenos naturais, sociais e culturais a partir da experiência humana, como afirma Claval (2012). Dessa forma, a literatura emerge como uma ferramenta para explorar os aspectos existenciais do ser humano por meio de narrativas.

Portanto, segundo Garcia (2019) a literatura oferece aos/as geógrafos/as a oportunidade de fugir de uma leitura puramente positivista do espaço geográfico, que valoriza a quantificação e explicações mecânicas e simplistas, colocando os aspectos humanísticos em segundo plano. É essencial superar o dogmatismo do método

positivista e desenvolver uma compreensão mais abrangente das relações humanas no espaço.

Nesse contexto, (op. cit.) aborda que, a arte e a literatura coexistem e emergem como fontes para interpretar o espaço, refletindo a diversidade cultural e as diferentes perspectivas de mundo. Fundamentado nesse fato, a utilização da literatura como recurso pedagógico no ensino de Geografia, destaca-se como uma abordagem enriquecedora para explorar as complexidades do espaço geográfico e suas interações com o meio, a exemplo de "Torto Arado", onde traz consigo um leque de abordagem a respeito das geografias do nordeste ali narrado.

Festas (2015); Rodrigues (2019) e Garcia (2019), ao discutirem caminhos para uma aprendizagem contextualizada, destacam a importância de fazer ponte entre os conteúdos ensinados com as múltiplas realidades vivenciadas pelos/as estudantes. Nesse contexto, o emprego da literatura no ensino de Geografia ressalta a importância do/da educador/a adotar ferramentas pedagógicas que visem uma compreensão crítica e reflexiva do espaço geográfico.

1.3 ÁGUA NEGRA - Impacto das (re)leituras de si, do outro e do mundo

No romance "Torto Arado", os detalhes vívidos e os ambientes descritos proporcionam aos/as leitores/as uma imersão profunda nas geografias retratadas pelo autor. Ao explorar os contextos e as trajetórias dos personagens da obra, Itamar (2019) se munindo da intencionalidade narrativa, aborda a problemática que os/as estudantes (e a sociedade) enfrentam nos seus cotidianos. Ou seja, são instigados/as a não apenas acompanhar a trama, mas também a refletir sobre como o experienciado na obra entrelaça suas vivências, influencia em suas identidades e na dinâmica da sociedade ao qual estão inseridos/as.

As geografias presentes em Torto Arado oferecem aos/as alunos/as uma oportunidade singular de autoconhecimento e reflexão, permitindo que se identifiquem com os/as personagens e situações, o que os/as levam a ponderar sobre suas

próprias escrevivências e sentimentos (Op. Cit.). Ademais, ao serem expostos diferentes contextos sociais e culturais, os/as alunos/as são desafiados a questionar suas próprias visões de mundo, expandindo seus horizontes, fugindo do dogma imposto pelos contextos sociais (Marandola Junior; Oliveira, 2009).

Essas leituras e releituras não apenas aprofundam a compreensão da obra, mas também estimulam uma análise crítica e reflexiva da realidade. E quão duras são as realidades dos/as estudantes que conseguem se projetar ao fazer leitura do livro. Pinheiro (2023), pontua que “[...] não há como ser negro em um país tão racista como o nosso e superar a ferida colonila aberta em nós.”

Ao examinar as temáticas presentes na narrativa da obra em estudo, como desigualdade, violência e identidade cultural, fomenta-se questionar as estruturas sociais e as injustiças existentes que estão presentes no espaço geográfico. Desta forma, dialogando com Rodrigues (2019), as interpretações de Torto Arado não só enriquecem o repertório literário dos/as alunos/as, mas também os capacitam a se tornarem cidadãos/ãs mais conscientes e comprometidos/as com o meio social ao qual fazem parte, pois, a obra é carregada de problemáticas e críticas que dialogam e assemelham-se com as vivências dos/as educandos/as.

1.5 MALA VELHA – Metodologia

Este trabalho possui um viés qualitativo, permitindo uma compreensão aprofundada das geograficidades presentes na obra "Torto Arado", bem como, as relações com os conceitos geográficos aqui analisados. Para sistematização desta pesquisa foi realizado levantamento documental, onde ocorreram buscas e análises de documentações de cunho científico que dialogavam com o tema em estudo. Para a coleta de dados, foram selecionados trechos relevantes da obra, escrita por Itamar Vieira Júnior, em 2019, que apresenta elementos pertinentes ao estudo dos conceitos geográficos. A escolha dos trechos considerou os objetivos da pesquisa e a identificação de temas e categorias relevantes para análise.

Os trechos selecionados foram submetidos a uma análise de acordo com os temas e conceitos geográficos identificados. Tal pesquisa foi fundamentada nas discussões da Geografia Cultural e Geografia da Literatura (partes da Geografia Humanista), para examinar os dados de maneira sistemática e aprofundada. A interpretação dos dados foi realizada à luz dos objetivos da pesquisa, visando identificar padrões, tendências e significados subjacentes.

Neste estudo, não foram envolvidos colaboradores/as externos/as, uma vez que a proposta se baseou exclusivamente na obra literária. Na condução deste estudo, foram adotados critérios éticos para garantir a integridade e a confiabilidade da pesquisa. Primeiramente, respeitou-se rigorosamente os direitos autorais, citando e referenciando adequadamente todas as fontes utilizadas, sejam obras literárias, artigos científicos ou outros materiais.

Concomitantemente, todos os procedimentos seguiram os princípios éticos da pesquisa científica, preservando a integridade acadêmica e evitando condutas que pudessem comprometer a credibilidade do estudo. Esses critérios foram adotados com o intuito de assegurar a validade e confiabilidade em todas as fases da pesquisa científica.

2. O SANGUE SE PÔS A EMBOTAR - Análise de dados

Esta seção, tem como objetivo analisar como as geograficidades contidas em "Torto Arado" podem ser utilizadas no ensino de Geografia, promovendo uma compreensão do espaço geográfico e de suas relações com as vivências humanas. Assim, serão explorados alguns dos elementos geográficos presentes na obra; território, lugar e paisagem, bem como as experiências das personagens em relação a esses aspectos a serem narrados no romance.

Portanto, apresentamos e discutimos os dados coletados a partir dos trechos selecionados da obra. A análise dos dados foi realizada com base nos objetivos da

pesquisa e nas categorias temáticas identificadas durante o processo de sistematização da pesquisa. Exploramos os significados e as interconexões dos temas e conceitos geográficos presentes na obra, destacando seu potencial pedagógico para o ensino de Geografia na educação básica.

2.1 O SOM DE UM ARADO ARRANHANDO A CARNE - Território

“Um dia, meu irmão Zezé perguntou ao nosso pai o que era viver de morada. Por que não éramos também donos daquela terra, se lá havíamos nascido e trabalhado desde sempre. Por que a família Peixoto, que não morava na fazenda, era dita dona. Por que não fazíamos daquela terra nossa, já que dela vivíamos, plantávamos as sementes, colhíamos o pão. Se dali retirávamos nosso sustento”(Vieira Júnior, 2019, p. 185).

Como observado por Saquet (2010), o território deve ser pensado a partir da produção humana, as relações que são constituídas com a dinamização dos diferentes grupos sociais que estão confluindo no espaço geográfico. Essa dimensão, ao qual rompe com o paradigma instaurado pela linha da geografia Francesa, do século XIX; em que o espaço geográfico é pensado apenas na perspectiva política administrativa, físico, não permite a compreensão do território tendo como base as dinâmicas simbólicas, ou seja, as territorialidades que se estruturam a partir das relações sociais dos diferentes grupos históricos.

As diferentes relações humanas que são tecidas tendo em vista a compreensão do espaço, o território como parte indissociável de pertencimento e afetividades. Ou, como é entendido por Miranda (2020), o corpo-território; as cosmopercepções que são entendidas dentro de um processo coletivo, horizontalizado com as diferentes perspectivas dos/as sujeitos/as.

Em respeito, Saquet (2010) também compreende o território a partir das diferentes ações históricas, sendo socialmente construído, ou seja, o território é derivado de uma construção social e, assim sendo, a partir de um discurso. Diante do

exposto, para quais grupos e interesses se justifica a construção do conceito de território? É nesse contexto que Vieira Junior (2019, p. 41) nos desloca para refletir:

O gerente queria trazer gente que “trabalhe muito” e “que não tenha medo de trabalho”, nas palavras de meu pai, “para dar seu suor na plantação”. Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra (Idem).

Em síntese com (op. cit.), Haesbaert (2004) estrutura esse dinamismo histórico que constituiu o território em três processos: político, onde o território passa a ser visto como um espaço delimitado, relacionado ao poder político do Estado, cultural; tendo o território percebido a partir das dinâmicas simbólicas de um determinado grupo em seu espaço vivido, e econômico; onde o território é experienciado apenas como fonte de recursos, a relação do capital/trabalho, como é destacado na epígrafe.

Em diálogo com os autores (op. cit.), Santos (2023) introduz algumas inflexões para se re-pensar o território, para o autor, o território é parte central para a manutenção da memória coletiva e tradição de um povo, justamente, porque, o território está cosmointegrado, unido pela matriz ancestral, desassociado da visão exploratória instaurada pelo capitalismo tardio; uso, apropriação e transformação do espaço geográfico para a manutenção e produção de mercadorias.

O território, a terra, é entendida como local de ensinamentos, trocas, que une corpo, memória, histórias e práticas culturais, esses elementos constroem uma estrutura dialética de respeito e integração. Para Krenak (2020), o território é o primeiro e o mais importante processo formativo de um povo, porque, por meio dele se constroi a identidade de um/a sujeito/a, ou, em outros termos, a identidade coletiva dos povos que percebem e experienciam outras formas de relação com a terra, o território.

É nesse sentido que Miranda (2020) e Krenak (2020) provocam reflexões sobre a concepção histórica, acerca do discurso estruturado a partir do conceito de território, para os autores (op. cit.), é necessário pensar, ou melhor, repensar a partir de uma estrutura epistemológica que seja capaz de dialogar com as contextualizações

dialéticas dos grupos que foram historicamente minorizados, justamente, porque, esse prisma construído pelo poder do Estado, tendo o território como relação de poder, colocou os povos marginalizados em um lugar de inexistência para a desapropriação da sua identidade étnica. Em outros termos, um povo destituído da relação de pertencimento aos elos que os une; a terra, o território, pode ser dominado e subjugado pelo poder estatal.

De acordo com os (op. cit.) é nesse sentido que se deve pensar o território, a partir das diferentes identidades, modos de vida e compreensão do espaço-tempo. Dessa maneira, ao construir uma analogia sistêmica das práxis pedagógica do ensino de Geografia, incentivando leituras de mundo onde os/as educandos retratem e questionem como se constituem as territorialidades e o território, a partir de uma perspectiva histórico-crítico, evidenciando as estruturas de poder que foram tecidas historicamente, sobre os grupos que são capturados pelo discurso do poder colonial. Por isso, a necessidade e urgência em fortalecer uma práxis pedagógica e geográfica, tendo como base a construção de ferramentas para a transgressividade política, social e cultural dos/as estudantes.

2.2 NÃO SE APAGA AINDA QUE ENVELHEÇA - Lugar

“O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida — apropriada através do corpo — dos sentidos — dos passos de seus moradores”. (Carlos, 2007, p. 17)

Em diálogos com a epígrafe acima, Silva (2019) projeta uma nova perspectiva de apreensão do espaço geográfico, tendo como ponte a dimensão corpórea, a inserção do corpo como elemento central para a análise dos conceitos e categorias da ciência geográfica.

É nesse prisma que Carlos (2007) lança importantes reflexões sobre o conceito de Lugar, para a (op. cit.), “O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida, apropriada através do corpo, dos sentidos” (p. 11, 2004). Esse processo de

apropriação se constitui de forma subjetiva perante os corpos que estão em disputa no espaço geográfico.

Dessa forma, como é contextualizado pela autora, o lugar é construído a partir das relações que cada indivíduo pode tecer, tendo como base as suas construções simbólicas. À vista disso, um determinado espaço pode ser considerado um lugar para uma pessoa e, ao mesmo tempo, para outra, um não lugar, um espaço desapropriado das relações afetivas, de pertencimento, justamente, porque, o processo de construção subjetiva das pessoas é construído de forma singular, levando em consideração as suas particularidades, tendo como base as relações simbólicas que podem vir, ou não, a se formar.

Itamar (2019), na obra em análise, dialoga com esta ideia ao narrar o desapontamento de Belonisia com a metodologia adotada pela escola, construída na Fazenda Água Negra, a personagem trás/narra que “[...] Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolar o buriti. Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes (p. 97)”. Justamente, por não ter uma relação do cotidiano no seu processo de ensino-aprendizagem, a escola se tornou um espaço desapropriado das relações simbólicas, das práticas culturais, do laço afetivo que caracterizava a roça, a cozinha, como um espaço afável, dinamizado pela relação de pertencimento que ela sentia, diferentemente da escola.

Conforme Carlos (2007), um bairro, uma rua de uma cidade, pode ser um espaço carregado de afetos e sentidos para um determinado grupo social, porque, essas pessoas constroem uma relação que perpassa as delimitações do espaço físico, o palpável; a relação que Belonisia construiu com o roçado, o quintal de casa, a integração do seu corpo com o espaço. Já para outras pessoas, esse mesmo espaço é visto e entendido apenas como um local de acesso para uma determinada função. Com isso, uma rua pode ser apenas um espaço de transição para um ponto específico, como uma loja, uma empresa, um espaço caracterizado pela relação capital/trabalho.

Analogamente, Carlos (2007) destaca que o lugar é derivado das ações humanas e, essas relações, constroem uma rede de significados a partir de um espaço-tempo, seja histórico; com as memórias e experiências vividas, ou presente; com as relações do cotidiano. Diante do exposto, conforme a (op. cit, p. 16) "[...] o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos". Itamar (2019) narra no romance, esse aspecto por meio das vivências de Belonísia.

Deixei a casa de meus pais montada num cavalo e na companhia de Tobias, levando uma trouxa pequena de roupas, lembrando a mala de couro surrada de Donana que Bibiana havia retirado de debaixo da cama antes de partir. Se ela não tivesse levado, talvez fosse eu a carregá-la comigo. Senti um aperto no peito; o trotar das patas invadia a parte baixa de meu quadril como um eco. Seguimos devagar, Tobias em silêncio, quando preferia que falasse algo para confortar minha aflição. Com uma mão eu segurava sua cintura, e com a outra, a trouxa (p.109).

Pode-se afirmar que, o lugar, como categoria de análise da ciência geográfica é carregado de sentidos e intenções, porque, conforme Carlos (2007) e Silva (2009), as relações que são construídas por um determinado grupo social, a partir do processo histórico e presente, pautados pelas interações simbólicas que são desenvolvidas intrinsecamente entre espaço e corpo, projeta a construção da identidade. Em outras palavras, o lugar, dentro de uma perspectiva política, é um meio para a formação da identidade, seja coletiva ou individual.

2.3 O VENTO NÃO SOPRA, ELE É A PRÓPRIA VIRAÇÃO - Paisagem

"A paisagem é tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc." (Santos, 1988, p. 21)

Santos (1988), ao tencionar essas outras possibilidades para a construção do conceito de paisagem; a projeção do imaterial, do sensível e sentidos, em destaque na epígrafe acima, corrobora com uma perspectiva em que seja possível a

compreensão do conceito em diálogo com as percepções das corporeidades dos/as sujeitos/as e grupos sociais.

Diante do exposto, abre-se possibilidades para que a paisagem seja construída a partir de uma relação intersubjetiva, levando em consideração não apenas os elementos da ciência geográfica Ratzeliana; o pensamento determinista, pautado no positivismo, em que concebia a paisagem caracterizada pelo determinismo da superfície terrestre: “vegetação, relevo e as características climáticas, constituindo assim, a visão como o elemento a priori para a análise da paisagem a partir de sua descrição” (Feliciano, 2021. p. 08).

Essa abordagem pode ser facilmente encontrada na obra de Itamar (2019) quando o autor narra, a partir da personagem Bibiana, a seguinte descrição:

corria entre papiros, cabelos-de-nego e capins-navalha que nasciam na beira dos marimbus, abrindo lanhos profundos em minha pele seca. Não minava pus. Do meu corpo só escorria o suor que empapada minhas vestes, que empapada o pano que amarrava meus seios. A canoa de ajoujo deslizava sozinha como uma baronesa até ser engolida pelo Veião, desaparecendo num rodão de água escura da cor de minha pele. Corria em meio à caatinga antiga de árvores altas, buscando a vareda para casa, quando pedaços do meu braço ficaram enganchados nos espinhos de tucum (Vieira Junior, 2019. p. 91).

Dessa forma, esse conceito, surge, a partir das descrições do meio físico, o palpável, aquilo que a visão consegue enxergar. Conforme Feliciano (2021), dois geógrafos naturalistas do século XIX, “Alexander Von Humboldt e Carl Ritter”, por meio das suas expedições, contribuíram significativamente para a construção do conceito de paisagem. Eles, através de viagens, observando os elementos físicos (vegetação, relevo, climatologia), fundamentaram a ideia deste conceito.

Em uma análise crítica dessa perspectiva, Feliciano (2021) afirma a complexidade do conceito de paisagem, porque, segundo o (op. cit.), a leitura da paisagem, a partir das outras dimensões; a relação simbólica, corpórea, dos sentidos e afetos, provocam uma ruptura do pragmatismo geográfico, projetando uma percepção crítica das dinâmicas do espaço.

É nesse sentido que Santos (1988) também entende que a paisagem pode ser lida pelos elementos sensoriais, possibilitando percepções para além do visível, podendo ocorrer através dos cheiros (olfato), sabores (paladar), sons (audição) e nos toques. Na obra em análise, Itamar Vieira (2019) faz essa abordagem ao descrever tais aspectos nas paisagens que compunha as vivências de Belonísia, em sua narrativa o (op. cit.), descreve que,

[...] a noite desceu lenta e eu preparei batata-doce e café para as crianças comerem. O ar fresco invadiu a casa que permanecia com portas e janelas abertas, apesar da invasão de mosquitos que abatíamos entre as palmas das mãos. Maria Cabocla acendeu o único candeeiro, o cheiro de querosene queimado foi se misturando ao frescor que adentrava a casa (p.145)

Corroborando com esse prisma, Miranda (2020) ratifica essa linha de pensamento, ao apontar as leituras da paisagem a partir do corpo e seus sentidos. um exemplo dialogado pelo (op. cit.), se dá através da leitura do Pelourinho, bairro que fica situado em Salvador, Bahia. Assim, o autor destaca que o simples cheiro do acarajé sendo frito, remete para além das práticas culturais da culinária afro e afro-brasileira, esse movimento sensorial, possibilitado pelo olfato, nos desloca para uma leitura do processo histórico, a diáspora forçada que os povos africanos foram submetidos, o processo escravocrata e genocida.

Os sons que ecoam pelas ruas e viela do bairro, são carregados de simbolismos religiosos, pois remetem às divindades africanas, os seus Orixás, do mesmo modo, as estratégias de resistências tecida pelo povo negro, para poder cultivar as suas entidades, justamente, porque, nesse período era considerado crime qualquer prática que remetesse a religião de matriz africana.

Dessa forma, percebe-se, que, o conceito de paisagem abrange uma multidimensionalidade, justamente, porque, quando analisado a partir de uma dimensão para além do visível, o físico, evidencia essas outras possibilidades que ficam secundarizadas com a grafia do conceito dentro de uma perspectiva positivista e material.

Diante das apreciações desenvolvidas nesta seção, as análises dos dados revelam que a obra "Torto Arado" oferece uma diversidade de geografidades que podem enriquecer o ensino de Geografia na educação básica, os fragmentos textuais anteriormente destacados explicitam muito pouco da imensidão de possibilidades que compõe a obra. Dessa forma, os dados aqui expostos sugerem que o romance possui um grande potencial pedagógico para o ensino de Geografia na educação básica. Ao incorporar esses trechos em atividades de ensino e aprendizagem, os/as educadores/as podem proporcionar aos/as estudantes uma experiência educacional enriquecedora e significativa, promovendo uma compreensão mais profunda e reflexiva do espaço geográfico e das realidades sociais e culturais.

3. RIO DE SANGUE – (in)conclusões

Por fim, com este estudo foram analisadas as geografidades presentes na obra "Torto Arado" e suas potencialidades para o ensino e aprendizagem de Geografia. Ao longo do estudo, destacamos a relevância de uma abordagem geográfica que vise contribuir para um ensino crítico, que, de forma efetiva, promova uma compreensão mais profunda do espaço geográfico.

Foram tencionadas/estimuladas reflexões a respeito da perpetuação das mazelas socioespaciais narradas na obra, e como a educação pode constituir meios e instrumentos subversivos para a liberdade dos grupos historicamente oprimidos. Concomitantemente, analisamos como as geografidades abordadas influenciam a percepção dos/as alunos/as sobre si mesmos, sobre os outros e sobre o mundo ao seu redor, promovendo uma visão crítica e reflexiva da realidade.

Os objetivos desta pesquisa foram alcançados ao identificar e analisar as geografidades presentes em "Torto Arado", e ao discutir suas possibilidades na práxis de Geografia da educação básica. Concluimos que as geografidades dessa obra oferecem uma oportunidade rica para os/as alunos/as explorarem diferentes realidades geográficas, culturais e sociais, proporcionando uma experiência de aprendizagem mais significativa e engajadora.

Analogamente, foram destacados alguns trechos literários que continham relevância conceitual para a educação básica, dando ênfase ao conceito de: território, lugar e paisagem. Assim, atendendo ao que também foi proposto por essa pesquisa, onde buscamos destacar os conceitos e expor as possibilidades de abordagens nas salas de aulas de Geografia.

Por fim, destacamos a importância de explorar estratégias pedagógicas tendo como ferramentas essa e outras obras literárias carregadas de potenciais educativos, condizentes com o currículo escolar para integrar o ensino de Geografia, visando melhorar seu potencial educacional, promovendo uma aprendizagem mais reflexiva e significativa do mundo.

Referências bibliográficas

ALVES, Paulo César; RABELO, Míriam Cristina. O jarê-religião e terapia no candomblé de caboclo. **Anais do Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2009.

ASSIS, Tatiane de. **As histórias curiosas por trás das capas de livros como Torto Arado**. Publicado por Veja São Paulo, 2021. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/capa-de-livro/>. Acesso em: 30 out. 2024.

BASTOS, Maria Eduarda Pires. Enquanto A Terra Não For Livre, Eu Também Não Sou: O Jarê Da Chapada Diamantina (Ba) Como Resgate Da Memória Em Torto Arado. **Terra Livre**, Vol.1, n. 57. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2288/1818>. Acesso em: 30 out. 2024.

BANAGGIA, Gabriel. **As forças do Jarê: religião de Matriz africana da Chapada Diamantina**. 1.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural no Brasil. In: BARTHE-DELOIZY, F, and SERPA, A. (Orgs.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia**. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 11-25.

DW BRASIL. **Torto Arado Reflete Passado Escravocrata no Brasil**. São Paulo: 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/torto-arado-reflete-passado-escravagista-mal-resolvido/a-56851069>. Acesso em: 30 out. 2024.

FESTAS, Maria Isabel. A aprendizagem contextualizada: análise dos seus fundamentos e práticas pedagógicas. **Educ. Pesqui.** v.41, n.3, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201507128518>. Acesso em: 30 out. 2024.

GARCIA, Gustavo. Literatura como proposta didática para o ensino de geografia. **14º ENPEG, Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia Políticas, Linguagens e Trajetórias**. 1.ed. Campinas, 2019. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/2860/2725>. Acesso em: 30 out. 2024.

GONÇALVES, Luciléa Ferreira Lopes. **Entre sotaques, brilhos e fitas: tecendo geograficidades por meio dos bois Rama Santa e Maioba**. Tese (doutorado em Geografia). UFPR: Curitiba, 2016.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da Desterritorialização: do fim do território à multiterritorialidade**. São Paulo: Bertand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. Que “negro” é esse na cultura popular negra? **Revista extrapensa**, 3.ed. N.13, P. 147- 163, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/156791>. Acesso em: 30 out. 2024.

JUNIOR, Itamar Vieira. **Torto Arado**. 1.ed. São Paulo: Todavia, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geograficidade e Espacialidade na Literatura**. Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795>. Acesso em: 30 out.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geograficidade e Espacialidade na Literatura**. Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795>. Acesso em: 30 out.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território e Educação Decolonial: proposições afro-brasileiras na investigação da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Trocas de Peles no Atiba-Geo: proposições decoloniais e afro-brasileiras na invenção do corpo-território docente**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia-UFBA. Salvador, 2019.

MIRANDA, Eduardo Oliveira in NASCIMENTO, Demison Santos. E a Minha História, Quem Vai Contar? (Re) Descobrimo as Memórias que entrelaçam o Pertencimento Étnico-Territorial do Povo Guerém com a Comunidade Tukum Mirim, Valença-BA. **Revista Ecologias Humanas**, v. 9, n. 10, p. 122–156, 2023. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/ecohum/article/view/19520>. Acesso em: 30 out. 2024.

PINHEIRO, Bárbara Carine dos Santos. **Querido estudante negro**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RODRIGUES, Aline de lima. Geografia e literatura: experiência na formação de professores dos anos iniciais. **14º ENPEG, Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia Políticas, Linguagens e Trajetórias**. 1.ed. Campinas, 2019. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/2860/2725>. Acesso em: 30 out. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo. Somos da Terra. In: CARNEVALL, F; et al. (Orgs.). **Terra: uma antologia afro-indígena**. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Marcos Antônio Fernandes Dos. Literatura e História: a percepção de saberes no romance Torto Arado, de Itamar Vieira Junior. **Anais do X CONGRESSO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS E LITERATURA**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/75818>. Acesso em: 30 out. 2024.

SANTOS, Milton. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec.São Paulo, 1988.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma Geografia das Temporalidades e Territorialidades: uma concepção multidimensional para a compreensão e para o desenvolvimento territorial**. Rio de Janeiro: Consequência, 2010.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2019.

SILVA , Kalline Santana da. **Representações do místico em Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior: tessituras sobre o samba de Ipirá - BA**. Monografia (Licenciatura em Letras) - UNEB - Universidade do estado da Bahia, Itaberaba, Bahia, 2023.